

A (NÃO) FORMAÇÃO DO/A PROFESSOR/A ALFABETIZADOR/A: CONTRIBUIÇÕES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFMA**THE (NON) TRAINING OF LITERACY TEACHERS: CONTRIBUTIONS FROM THE PEDAGOGY COURSE AT UFMA** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.011-050>**Elilson Tarcio de Sousa e Sousa**

Graduado em Pedagogia e Pós-graduado em Metodologia do Ensino Superior pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Especialista em Currículo e Prática Docente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. Professor de Educação Básica efetivo nas Redes Públicas Municipais de Educação de São Luís - MA e de Paço do Lumiar – MA.
E-mail: tarcioelilson@hotmail.com

Joelma Reis Correia

Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP. Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP. Graduada em Pedagogia pela UFMA. Professora Associada - Classe 2, do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão.
E-mail: joelmareis1970@hotmail.com

Lindaiane Barros Soares Sousa

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão; Especialista em Orientação Educacional, Supervisão e Gestão Escolar pela Faculdade Santa Fé - FSF. Professora de Educação Básica, na Rede Municipal de Ensino de São Luís.
E-mail: lindaiane.barros@hotmail.com

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar a contribuição do Curso de Pedagogia da UFMA para a formação do/a professor/a que ensinará crianças a ler e escrever. Para tanto, realizou-se um estudo de caso, cujos sujeitos da pesquisa foram cinco professoras dos três primeiros anos do Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal, egressas do Curso de Pedagogia da UFMA. Utilizou-se como instrumento de geração de dados a entrevista semi-estruturada. Autores (as) como Brito (2006), Gatti (1997), Pimenta (1999,1997), Sacristán (2002), Saviani (2009), Tardif (2002), dentre outros, foram fundamentais pra análise dos dados. As conclusões revelam que a formação inicial das egressas foi fragmentada, no que diz respeito aos aspectos da alfabetização. Segundo elas, ter apenas uma disciplina de alfabetização de 60 horas aulas durante todo o Curso, não é suficiente para que exerçam esse ofício com segurança. Seria necessário um contato maior com o chão da escola.

Palavras-chave: Formação inicial; Alfabetização; Docência.

ABSTRACT

This article aims to analyze the contribution of the UFMA Pedagogy Program to the training of teachers who will teach children to read and write. To this end, a case study was conducted, whose research subjects were five female teachers of the first three years of Elementary School in the Municipal Public School System, graduates of the UFMA Pedagogy Program. Semi-structured interviews were used as data collection tools. Authors such as Brito (2006), Gatti (1997), Pimenta (1999, 1997), Sacristán (2002), Saviani



(2009), Tardif (2002), among others, were fundamental to the data analysis. The conclusions reveal that the initial training of these graduates was fragmented regarding literacy aspects. According to them, having only one literacy course of 60 hours throughout the program is not sufficient for them to practice this profession with confidence. Greater contact with the school floor would be necessary.

Keywords: Initial training; Literacy; Teaching.



1 INTRODUÇÃO

Na atualidade, há muitas discussões voltadas para a alfabetização. Apesar de parecer um tema “ultrapassado”, a cada dia que passa surgem novos debates que se expandem por meio de socializações em congressos, publicações, fóruns e pesquisas desenvolvidas por estudiosos/as, com intuito de buscar respostas para o surgimento de inquietações, no que diz respeito às causas do insucesso escolar de muitas crianças, jovens e adultos. Em meio a essa gama de discussões, o que está em pauta ainda é o espantoso quadro de crianças que saem da escola sem saber ler e escrever.

Nos últimos anos, o Brasil apresentou avanços e retrocessos no processo de alfabetização: apesar de sinais de recuperação após a pandemia, uma parcela expressiva de crianças ainda ao final do 3º ano do Ensino Fundamental sem as competências básicas de leitura e escrita. De acordo com o Indicador Criança Alfabetizada (ICA), o país registrou 59,2% de crianças alfabetizadas ao fim do 2º ano em 2024. Houve uma melhoria em relação a 2023, mas ainda permanece distante da universalização da alfabetização na idade certa. (BRASIL,2024).

Dados atuais das Avaliações de aprendizagem (Prova ABC/avaliações estaduais e SAEB/IDEB) indicam que mais de 40% das turmas do ciclo de alfabetização inicial ainda não atingem o nível esperado em leitura (BRASIL, 2024).

Diante disso, podemos perceber que alguma coisa está fora dos trilhos. Uma das causas dessa problemática se refere a maneira como muitas vezes a leitura é trabalhada no ambiente escolar, especialmente durante as primeiras séries dos anos iniciais, ao se priorizar o uso dos métodos de alfabetização, resumindo o ato de ler à capacidade de identificar os sinais, ficando o processo de compreensão em segundo plano. Será que a formação inicial do professor tem contribuído para que esses índices não sejam tão apreciativos?

Vale ressaltar que, para trabalhar com o Ciclo, o/a professor/a precisa ter o Curso de Licenciatura em Pedagogia, entretanto, nas Diretrizes Curriculares Nacionais deste Curso (BRASIL, 2006), não há uma exigência com a formação do/a professor/a alfabetizador/a, o que, talvez, justifica o fato de muitos cursos apresentarem em seu Currículo apenas uma disciplina voltada para os conhecimentos específicos da alfabetização, como no caso do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Nesse sentido, este artigo tem por objetivo analisar a contribuição do Curso de Pedagogia da UFMA para a formação do/a professor/a que ensinará crianças a ler e escrever. Para tanto, realizamos um estudo de caso, cujos sujeitos da pesquisa foram cinco professoras dos três primeiros anos do Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal, egressas do Curso de Pedagogia da UFMA. Utilizamos como instrumento de geração de dados a entrevista semi - estruturada. Autores (as) como Brito (2006), Gatti (1997), Pimenta (1999, 1997), Sacristán (2002), Saviani (2009), Tardif (2002), dentre outros, foram fundamentais pra análise dos dados.



2 POR QUE FORMAR O/A PROFESSOR/A ALFABETIZADOR/A?

A alfabetização é um processo contínuo e gradativo que ocorre na vida de uma criança, fazendo com que esta possa evoluir intelectualmente. No entanto, apresenta em sua natureza certo grau de complexidade. Para que haja efetivamente um aprendizado da leitura e da escrita, o ato de ler e escrever precisa oferecer condições para a inserção dessa criança nas práticas sociais e no funcionamento do mundo que a cerca.

Dessa forma, no processo de alfabetização, é preciso considerar os aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos que o determinam, na caracterização da metodologia e material didático para alfabetizar. Para isso, é essencial que se dê total atenção à formação inicial do/a professor/a que vai ensinar a criança a ler e escrever.

Sem a formação inicial adequada, o/a professor/a não terá êxito ao assumir uma turma de alfabetização. Pois esta, além de exigir a democratização da cultura, a reflexão sobre o mundo e o lugar do homem, como sujeito ativo do processo de aprendizagem, requer também deste/a profissional, conhecimentos específicos que o/a levem a compreender o funcionamento e a natureza da leitura e da escrita.

É preciso que a instituição formadora exerça o seu papel, administrando suas matrizes curriculares em conexão com a realidade, fazendo uso da reflexão e da criticidade. O currículo é importante, na medida em que imprime uma identidade à escola e aos/as que nela convivem e participam. Não há dúvida de que a formação inicial terá êxito, se o que foi pensado no currículo proporcionar qualidade nas práticas de ensino dando aos sujeitos a oportunidade de se inserir na cultura escrita e na vida das pessoas. (SACRISTÁN, 2002).

Conforme discutimos, não existe em nosso país uma formação específica para professores/as alfabetizadores/as, porém, mesmo não existindo de forma oficial, muitos/as alunos/as que se formam no curso de Pedagogia, ocuparão um espaço na escola e terão a função de alfabetizar crianças. É nesse momento que conseguimos visualizar lacunas que demonstram a fragilidade desses profissionais, pois nem todos/as que assumem turmas de alfabetização conseguem, de fato, alfabetizar.

Precisamos formar o/a professor/a alfabetizador/a, porque temos em meio ao contexto escolar um Ciclo de Alfabetização, o qual exige que o sujeito que for assumir as turmas de alfabetização, deve compreender o que é alfabetizar e como praticar essa ação.

Do contrário, ele/a nunca conseguirá formar a criança como leitora e produtora de textos. Na verdade, sem a formação adequada, a lógica da alfabetização não passará de tarefas estereotipadas e mecânicas que envolvem treinos, sem permitir uma relação dinâmica e de sentidos entre o sujeito que ler e escreve, ou tenta ler e escrever, e a própria língua.

Além disso, as propostas de formação inicial de professores devem-se pautar numa prática pedagógica que não se reduza a questões metodológicas de ensino-aprendizagem, mas que leve em



consideração a formação como uma prática social, em que o conhecimento seja visto como uma produção histórica cultural, envolvendo a dialética entre teoria e prática, sujeitos, saberes e diversas experiências e perspectivas interdisciplinares.

É interessante destacarmos que a lei exige que esse/a professor/a tenha uma formação específica. Essa formação requer saberes necessários, pois o ato de ensinar a ler e escrever possui singularidades. Esses saberes estão articulados às diversas dimensões da prática educativa. Discutiremos sobre esse aspecto no próximo tópico.

2.1 A FORMAÇÃO DO/A PROFESSOR/A DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFMA: COMO FICA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR/A ALFABETIZADOR/A?

Atualmente, as três primeiras séries do ensino fundamental são intituladas de Ciclo de Alfabetização. Durante esse ciclo, as crianças precisam viver o processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Elas precisam sair do terceiro ano lendo e escrevendo. Supomos, lógico, que saiam lendo e escrevendo textos.

Se os Anos Iniciais são responsáveis por isso, quem forma o/a professor/a que irá trabalhar nessa área é o Curso de Pedagogia, que, por sua vez, deveria dar uma ênfase maior para essa formação desse/a profissional. Para tanto, o ideal seria que no currículo do Curso tivessem disciplinas que contemplassem essa questão. Neste sentido, nos questionamos: o Curso tem dado essa ênfase? Para respondermos esta pergunta, lançamos o olhar de forma mais minuciosa para o Currículo do Curso.

No Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia as disciplinas estão organizadas em três Eixos Formativos¹. O Eixo 01 é intitulado de Fundamentos Sócio-Históricos e Político-Culturais da Educação e tem o objetivo de oferecer:

conhecimentos que constituem os fundamentos filosóficos, históricos, políticos, econômicos, sociológicos e antropológicos que irão permitir a compreensão e explicação do fenômeno educativo. Inclui também os fundamentos psicológicos dos processos de desenvolvimento humano e da aprendizagem, permitindo compreender a natureza histórica das relações que se processam entre o nível macro e micros social. (UFMA, 2007, p.18)

O Eixo 2 se refere às disciplinas voltadas para as Políticas e Gestão de Sistemas Educacionais, Escola e Organização do Trabalho Pedagógico, que tem como objetivo:

¹ Eixos Formativos são grupos de conhecimentos teórico-práticos necessários ao exercício profissional.



garantir o domínio dos conhecimentos teórico-metodológicos que permitirão desenvolver as diferentes dimensões do trabalho pedagógico nos sistemas educacionais e na escola, numa perspectiva de integração, ampliando a compreensão das relações sociais que se desenvolvem nestes espaços.(UFMA, 2007, p.19).

O referido eixo está organizado em três sub-eixos: Sub-eixo 01: Gestão de Sistemas Educacionais; Sub-Eixo 02: Formação para a Docência e o Sub-Eixo 03: Práticas Educativas Integradoras.

O Eixo 03 está voltado para os Estudos Diversificados e de Aprofundamento em áreas específicas, que tem como objetivo “propiciar o atendimento ao princípio da flexibilidade, comportando escolhas por parte dos alunos, de acordo com interesses e necessidades individuais.” (UFMA, 2007, p.21). Este eixo está organizado em três Sub - eixos: Sub-eixo 01: Aprofundamento em Núcleos Temáticos; Sub-eixo 02: Estudos Diversificados; Sub-eixo 03: Estudos Independentes.

Diante dessa análise, observamos que a estrutura curricular do Curso de Pedagogia da UFMA, possui apenas uma disciplina sobre alfabetização, oferecida no 4º período, a qual se encontra no **Eixo 02, sub - eixo 02- Formação para a Docência**, o que analisamos como muito pouco, visto que os primeiros anos são voltadas para a alfabetização das crianças.

Não podemos aqui minimizar a importância das demais disciplinas oferecidas pelo curso, pois sabemos que são extremamente necessárias para a formação do pedagogo/a, mas acreditamos que poderiam ser oferecidas outras mais específicas, voltadas para o âmbito da alfabetização. Como sugestão, mais uma disciplina de Alfabetização que tenha como foco a escola, para que o/a aluno/a pudesse estar dentro deste espaço vivenciando a docência; e uma disciplina que trabalhasse com a leitura e produção textual. Além dessas disciplinas, seria viável ter no currículo um Estágio voltado para a alfabetização com carga horária de 120 horas, ou aumentar a carga horária do Estágio em Docência nos Anos Iniciais, de modo que o/a aluno/a pudesse ter mais tempo para atuar no Ciclo de Alfabetização.

Voltando o olhar para a Ementa da única disciplina de Alfabetização que o Curso oferece - Fundamentos e Metodologia da Alfabetização, queremos destacar o quão extensa é, e que somente essa disciplina, com uma carga horária apenas de 60h, não é o suficiente para que o/a aluno/a do Curso saia com os conhecimentos teórico-metodológicos necessários para atuar na área da alfabetização.

Nossa análise nos leva a evidenciar que a formação do/a professor/a dos anos iniciais, no referido Curso, sem um alicerce profundo pautado na alfabetização está fragmentada. Diante desse fato, precisamos nos questionar: Como ensinar algo que não se domina? Como tomar decisões metodológicas em uma área que não é conhecida? Como dar conta das necessidades de aprendizagem das crianças sem conhecer muito bem o processo de apropriação do ensino? Como lidar com as novas responsabilidades que esse campo exige a cada tempo que passa?



Essas perguntas devem fazer parte das primeiras experiências da vida de um/a professor/a que sai formado/a e adentra numa sala de aula para alfabetizar. É um desafio enorme superar a imensa defasagem entre as poucas contribuições dos estudos teóricos sobre o processo de aquisição de leitura e escrita e a prática concreta do/a professor/a. Esse/a professor/a, infelizmente, não conseguiu agregar questões específicas acerca da alfabetização. Não lhe foi oferecido esse alicerce.

Portanto, essa realidade nos permite concordar com o que Pimenta (1990, p.20) diz:

O fracasso da escola pública de ensino fundamental é explicado, entre outros, pelo fracasso do Curso de Formação de Docentes, que não tem conseguido formar professores capazes de proceder às alterações necessárias na organização escolar de forma a melhorá-la.

3 A CONCEPÇÃO DE ALUNOS/AS EGRESSOS/AS SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFMA PARA A FORMAÇÃO DO/A PROFESSOR/A ALFABETIZADOR/A

Conforme situamos anteriormente, este artigo tem o objetivo de analisar a contribuição do Curso de Pedagogia da UFMA para a formação do/a professor/a que ensinará crianças a ler e escrever. Para isso, além de ter acesso ao Projeto Curricular, foi necessário também buscar a voz daqueles/as que foram formados/as por este curso. De posse dos dados gerados, dialogamos com autores/as que foram nossos interlocutores/as ao longo da escrita deste texto. Como pontua Correia (2011, p.44, grifos nossos):

Lançar o olhar investigativo para esse contexto *requer* especificamente optar por um referencial teórico que *possa* iluminar a análise à medida que os dados foram gerados, portanto, de acordo com a organização desta parte do trabalho, *apresentamos os dados gerados e faremos* um diálogo com autores considerados nucleares para apreender o significado atribuído pelos sujeitos ao objeto de estudo.

Tornaram-se sujeitos da pesquisa cinco professoras, egressas do Curso de Pedagogia da UFMA. Apenas uma professora não aceitou que seu nome fosse revelado, e por razões éticas utilizaremos a letra “A” para identificá-la.

Ao iniciarmos a entrevista, questionamos as professoras sobre a avaliação que fazem de si mesmas quanto à atuação como professoras alfabetizadoras. Eis os dados gerados:

[...] Diante da facilidade de acesso a tantas informações e de fatores que afetam o comportamento social das crianças, o professor alfabetizador precisa repensar sua prática e redefinir estratégias de ensino constantemente. Ainda que, na realidade atual, a tarefa de alfabetizar seja complexa, assumo com responsabilidade e dedicação a função de possibilitar aos meus alunos a aquisição de competências de leitura e escrita. (Professora Lucileide).

*Hoje considero boa, pois **com as experiências que fui obtendo** nas interações com os alunos fui construindo um fazer pedagógico de professor alfabetizador, voltado para as práticas de leitura e escrita em sala de aula.* (Professora Solange, grifos nossos).



[...] busca constante de referenciais teóricos. [...] sempre estou em formação continuada. (Professora Patrícia, grifos nossos).

[...] muitas coisas que estou vendo sobre a realidade da escola e que eu vou vivenciando no cotidiano é muito diferente daquilo que a gente aprende durante o curso. Nesse aspecto, entra aquela questão que a gente sempre ouve falar na Academia de que a Teoria se distancia muito da prática. A análise que eu faço de minha prática é que estou em constante aprendizagem. Como estou iniciando, muitas coisas eu não sei ainda, então peço auxílio das outras professoras que tem experiência na área. Em relação à minha metodologia em sala de aula está sendo tudo uma aprendizagem pra mim, estou aprendendo agora. [...]. O contato que eu tinha com aluno, com o chão da escola era só através dos estágios, que ao meu ver é uma coisa muito limitada, é um período bastante limitado em relação ao que vai ser de nós exigido futuramente pela profissão. (Professora A, grifos nossos).

Considero bastante positiva. Foram muitas experiências adquiridas ao longo do tempo. Por trabalhar na área já possuo alguns conhecimentos voltados para a alfabetização. (Professora Dayane, grifos nossos).

Ao lançarmos um olhar atento sobre a fala de cada professora, podemos perceber que a professora Lucileide é a única que não consegue fazer a avaliação sobre a sua atuação como professora alfabetizadora. Ela diz apenas que o professor precisa rever sua prática, definir estratégia de ensino, mas não deixa claro sobre como ela se avalia enquanto professora alfabetizadora.

As outras docentes explicitam que as experiências da formação continuada, o contato e a interação com os alunos, foram possibilitando-lhes construir o seu fazer pedagógico. De acordo com suas falas, esse foi o fator que mais contribuiu para que pudessem aprender a trabalhar como professoras alfabetizadoras. Neste sentido, é evidente que nesse processo o saber experiencial, apontado por Tardif (2002), é de grande relevância nesse caminho de tornar-se professor/a, uma vez que é adquirido nos momentos em que ele/a precisa agir em situação.

A professora A demonstra em sua fala o quanto um maior contato com a escola durante o Curso lhe fez falta. Sua crítica ao estágio, que, segundo ela, é um período muito limitado, nos dá pistas para compreender a necessidade que os/as alunos/as têm de estarem no chão da escola de maneira mais intensa, a experiência com o local para o qual estão sendo formados/as. Sobre essa questão, Pimenta (1997, p.11) destaca que é fundamental ao/a licenciado/a:

[...] o conhecer diretamente e/ou através de estudos as realidades escolares e os sistemas onde o ensino ocorre, ir às escolas e realizar observações, entrevistas, coletar dados sobre determinados temas abordados nos cursos, problematizar, propor e desenvolver projetos nas escolas; conferir os dizeres dos autores e da mídia, as representações e os saberes que tem sobre a escola, o ensino, os alunos, os professores, nas escolas reais; começar a olhar, ver e analisar as escolas existentes com olhos não mais de alunos, mas de futuros professores [...].

Essa visão de futuros/as professores/as, conforme abordado pela referida autora, e como indicam as falas das professoras, é muito difícil de obter, partindo da perspectiva e da maneira como, muitas vezes, a

Panorama da Educação: Estudos Interdisciplinares



formação de docentes é direcionada pelo Curso de Pedagogia, cujo maior desafio “é o de colaborar no processo de passagem dos alunos de seu *ver o/a professor/a como aluno/a* ao seu *ver-se como professor/a*. Isto é, de construir a sua identidade de professor/a”. (PIMENTA, 1997, p.07, grifos da autora).

Apoiamo-nos ainda, na supracitada autora quando enfatiza que:

[...] do curso de formação inicial se espera que forme o professor, ou que colabore para sua formação. Melhor seria dizer que colabore para o exercício de sua atividade docente, uma vez que professorar não é uma atividade burocrática para a qual se adquire conhecimentos e habilidades técnico-mecânicas. Dada a natureza do trabalho docente, que é ensinar como contribuição ao processo de humanização dos alunos historicamente situados, espera-se da licenciatura que desenvolva nos alunos, conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que lhes possibilitem, permanentemente, irem construindo seus saberes fazeres docentes, a partir das necessidades e desafios que o ensino, como prática social lhes coloca no cotidiano. Espera-se, pois que mobilize os conhecimentos da teoria da educação e da didática, necessários à compreensão do ensino como realidade social e, que desenvolva neles, a capacidade de investigar a própria atividade para, a partir dela, constituírem e transformarem os seus saberes-fazeres docentes, num processo contínuo de construção de suas identidades como professores. (PIMENTA, 1997, p.06).

Vale ressaltar que temos ciência que um curso de formação inicial, como o próprio nome já diz, especialmente para formar professores/as, possibilita ao profissional apenas a apropriação dos saberes iniciais para adentrar no seu campo de atuação, no entanto, consideramos necessário que, pelo menos, essa base oferecida durante o curso seja consistente para diminuir o impacto da difícil realidade quando esses profissionais chegarem até a escola para exercerem a profissão, pois:

[...] o professor recém-formado sente-se impotente em face das incertezas e conflitos que emergem na cotidianidade da sala de aula. Para ele, ensinar a ler e a escrever é um grande e complexo desafio, visto que a formação inicial se concretiza sem tomar como referência a prática escolar. Deve-se considerar, ainda, que os conhecimentos relativos à alfabetização, privilegiados no curso de formação inicial, nem sempre contemplam aspectos característicos à natureza do processo de aquisição da escrita. (BRITO, 2006, p.03).

O que podemos perceber nesse primeiro momento, no discurso de quase todas as professoras é que houve uma “descoberta” ou uma “surpresa desagradável” quando elas adentraram os portões da escola e se depararam com o real. Somente após um tempo trabalhado foram se adaptando no que diz respeito às situações das salas de aulas e como utilizar os conhecimentos teórico-metodológicos da alfabetização.

Ao apontar essa discussão, queremos demarcar que se, durante a formação, os/as alunos/as tivessem um contato maior, uma vivência com o “chão” da escola durante a disciplina, para além do estágio, e aprendessem a ver-se como professor/a, o impacto não seria tão forte e, também, às vezes, não tão frustrante ao assumirem de fato a profissão, assegurando-lhe “[...] a formação e o desenvolvimento de um conjunto de habilidades, *permitindo-lhes* iniciar sua carreira com um mínimo de condições pessoais de qualificação”. (GATTI, 1997, p.47, grifo nosso).

Panorama da Educação: Estudos Interdisciplinares



As condições necessárias para o desenvolvimento de uma prática competente são influenciadoras no processo de reflexão dos/as professores/as sobre a prática docente, de tal forma que possam perceber os entraves existentes e os desafios da sala aula no momento em que estiverem alfabetizando (BRITO, 2006). De modo que não só percebam os desafios e os entraves, mas saibam superá-los fazendo uso dos conhecimentos específicos, pedagógicos, agindo e refletindo sobre a prática em si.

Para darmos continuidade à entrevista, perguntamos às professoras sobre os saberes que elas consideram que o/a professor/a alfabetizador/a precisa ter para atuar com crianças em processo de alfabetização. Eis as respostas:

[...] compete saber quais são os pré-requisitos para que a alfabetização ocorra de forma consciente. [...].(Professora Lucileide).

[...] o professor alfabetizador compreenda como a criança constrói suas hipóteses de leitura e escrita. (Professora Solange).

[...] metodológicos, específicos, pautados em teóricos que abordam a temática, saberes psicolinguísticos e saberes práticos. (Professora Patrícia).

[...] conhecimentos estratégicos. Ao partir da realidade que estou presenciando agora eu percebo que muitas das teorias que a gente aprende no curso, às vezes ficam diluídas, se perdem no meio da dinâmica da realidade. (Professora A).

[...] conhecimentos sobre alfabetização. Isso é o básico. (Professora Dayane).

As professoras são unânimes ao explicitarem que, para trabalhar com a alfabetização, são necessários conhecimentos específicos sobre a temática. Ao apontar esse aspecto, entramos no campo de um outro saber destacado por Tardif (2002), o saber disciplinar, que, segundo o autor, corresponde aqueles definidos e selecionados pelas instituições formadoras e “integram-se à prática docente através da formação (inicial e contínua) dos professores nas diversas disciplinas oferecidas pela universidade.” (TARDIF, 2002, p.38).

Pimenta (1997), acrescenta a essa discussão quando afirma que não podemos compreender os saberes específicos como únicos ou como um corpo acabado de conhecimentos, pois:

[...] os problemas da prática profissional docente não são meramente instrumentais, mas comportam situações problemáticas que requerem decisões num terreno de grande complexidade, incerteza, singularidade e de conflito de valores. (PIMENTA 1997, p.12)

Pimenta (1997) nos leva a compreender que o saberes disciplinares precisam ser trabalhados a partir de situações problematizadoras, ou seja, não podem ser descolados do local de onde emergem. Isso nos faz



entender que o ofício de ser professor/a alfabetizador/a requer um alto grau de complexidade, portanto, a formação inicial do/a professor/a não deve ser algo aligeirado e superficial, ainda mais quando se fala de um/a profissional que irá trabalhar com a alfabetização de crianças, de a integração da teoria com a prática. (BRITO, 2006).

Nessa perspectiva, quando enfatizamos que o/a futuro/a pedagogo/a precisa se apropriar de saberes específicos relacionados à alfabetização não queremos dizer com isso que ele/a necessita apenas de conhecimentos disciplinares, mas de conhecimentos e competências que o/a ajudem a compreender como se dá o processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita numa dinâmica de teoria e prática articuladas. É o que Pimenta chama de prática social como ponto de partida e ponto de chegada. A autora explica que:

Considerar a prática social como ponto de partida e ponto de chegada possibilitará uma ressignificação dos saberes na formação dos professores. As conseqüências para formação de professores são que a formação inicial só pode se dar a partir da aquisição da experiência dos formandos (ou seja, tomar a prática existente como referência para a formação) e refletir-se nela. (PIMENTA, 1999, p. 25-26).

A formação deve ser consistente e intencional, pois só dessa maneira será possível alcançar um resultado positivo no que diz respeito ao trabalho do/a professor/a alfabetizador/a, principalmente quando está iniciando sua profissão.

Em busca de responder ao objetivo deste trabalho, questionamos as professoras se elas ao assumirem a atual turma de alfabetização se consideravam preparadas para desenvolver esse processo com as crianças. Vejamos inicialmente a resposta da professora Solange:

Não. Existe um fosso enorme entre teoria e prática, na maioria das vezes na academia somos instigados a ter base teórica, o que não é errado, mas o cunho prático da docência não é enfatizado. A dinâmica de uma sala de alfabetização requer do professor uma articulação bem construída entre a teoria e a prática.

A resposta da referida professora indica que ela sentiu falta quando estava na academia, justamente o que comentávamos anteriormente, um equilíbrio, uma consistente articulação entre teoria e prática.

Saviani (2007) discute que teoria e prática são aspectos dialeticamente distintos e essenciais da experiência humana. Um se define em relação ao outro. “[...] a prática é a razão de ser da teoria, o que significa que a teoria só se constituiu e se desenvolveu em função da prática que opera.” (SAVIANI, 2007, p.108).

Talvez esse ponto seja o “x” da questão. Se não há a prática, a teoria fica debilitada e sem sentido, fazendo parecer que são duas coisas totalmente diferentes e inconciliáveis. Por isso, a necessidade do que



estamos discutindo, que haja uma aproximação maior e/ou uma vivência dos/as discentes que fazem parte do curso de formação inicial de professores/as com a escola, pois

[...] quando voltados para um determinado contexto prático, cuidando de analisá-lo propositivamente, se transformam em um novo saber, não mais proveniente apenas de sua fonte de origem, mas expressão de outro saber, que é o saber pedagógico, não só de base teórica ou de base prática, mas, dialética e indissociavelmente, de base teórico - prática. (CRUZ, 2009, p. 1203).

Sobre essa questão, vejamos a resposta da professora A:

Não. Tudo o que eu vi durante todo o Curso, tudo o que eu julgava saber ter sido desconstruído, reconstruído no meu dia-a-dia enquanto professora alfabetizadora. Tenho enfrentado muitos conflitos, porque a dinâmica da realidade está exigindo determinadas competências e habilidades, que eu necessito enquanto professora ter. Pelo fato de está iniciando agora com apenas 5 meses de gestão de sala de aula, tenho ainda muito a aprender. Eu não me senti preparada o suficiente ao me deparar com a realidade da escola. E vi que muitas coisas deveria aprender.

A fala da professora A parece indicar que o Curso lhe ofereceu uma sensação equivocada de que estava pronta para atuar na sala de aula. Uma sensação que foi desconstruída ao deparar-se com a realidade. Isso nos faz pensar que é preciso uma formação mais consistente. É durante esse momento que a instituição formadora deve possibilitar ao/o futuro/a professor/a conhecimentos que abordem os aspectos científicos, culturais, contextuais, pedagógicos, dentre outros, a fim de que este compreenda toda a complexidade da tarefa educativa.

A formação inicial é a condição primeira para a profissionalização, seguida da fase do exercício da profissão; ela é a fase de iniciação, correspondente aos primeiros anos de exercício profissional. Consiste em aprender na prática. (LAUANDE, 2013, p. 220).

Precisamos considerar que o/a professora/a recém-formado/a sente-se, de certa forma, impotente diante dos conflitos e desafios encontrados em uma sala de aula. O ensino da leitura e da escrita é, sem dúvida, o maior e mais desafiador pois, conforme Vygotski (2001), o discurso escrito é a forma de discurso mais elaborada, uma vez que “[...] o tom de voz e o conhecimento do assunto não são possíveis, somos obrigados a utilizar muitas palavras e a utilizarmos essas palavras mais exatamente.”

Em relação às falas das professoras Lucileide, Patrícia e Dayane a resposta à pergunta em discussão foi positiva, porém elas evidenciam que o início foi mais difícil. Vejamos as suas respostas:

Sim. Porém, poderia está mais preparada se a nossa formação inicial fosse mais consistente, no sentido de dar mais subsídios ao professor. Uma disciplina sobre Metodologia de Alfabetização não é suficiente. A primeira turma de alfabetização depois que eu sai da UFMA foi uma turma de 1º ano. Tive muita dificuldade! (Professora Lucileide).

Panorama da Educação: Estudos Interdisciplinares



Sim. Pois já tinha experiência prática em escola privada e uma boa fundamentação teórica. (Professora Patrícia).

Ao assumir esta turma sim, devido a experiências das turmas passadas. Mas, minha primeira turma foi muito difícil. Não me sentia preparada. (Professora Dayane).

A professora Lucileide afirma que se sentiu preparada, mas que poderia estar mais ao assumir a turma, visto que teve dificuldades. Em relação à fala da professora Patrícia, percebemos que a sua preparação se deu pelo fato da sua experiência prática na escola privada. E por último, a professora Dayane também destaca a sua dificuldade ao encarar a primeira turma de alfabetização.

Todas as professoras reforçam explícita ou implicitamente, que a formação inicial não lhes ofereceu um suporte teórico-prático capaz de ajudá-las em suas primeiras experiências em sala de aula de alfabetização.

Quando questionadas sobre a avaliação que fazem do Curso de Pedagogia da UFMA em relação aos conhecimentos necessários que um/a professor/a alfabetizador/a precisa ter, as professoras responderam:

O Curso possui uma grade curricular boa em relação a outras instituições que conheço, porém alguns aspectos precisam ser melhorados. Por exemplo, da ampliação da carga horária dos estudos direcionados para a alfabetização. Temos várias disciplinas de fundamentos sociológicos, psicológicos e filosóficos e, apenas uma de alfabetização, que é o nosso foco. (Professora Lucileide).

Tomando como referência o período que cursei e o currículo que vivenciei, considero que é bom, mas, principalmente para quem vai atuar como docente, é necessário ter mais experiências práticas em sala de aula, não basta a carga horária do estágio, seria necessário criar um meio para os futuros professores terem mais vivências alfabetizadoras em escolas. (Professora Solange).

O Curso ainda não nos dá uma segurança de boa atuação na prática diária de sala de aula. Falta uma experiência prática ao docente universitário, ou seja, um olhar mais de perto, um conviver. (Professora Patrícia).

O Curso oferece as bases necessárias para que o professor possa está se encontrando nessa área, mas sei que muitos desses conhecimentos ora vai ser feito uso dele, ora não. Pois será necessário pensar numa outra forma de agir pedagogicamente, de atuar metodologicamente, em virtude do que iremos encontrar no chão da escola. Eu friso muito essa questão do contexto porque foi o que mais me deixou sem norte. Muita coisa que eu julgava saber, ao chegar na escola verifiquei que eu tinha muito à aprender. A realidade é muito dinâmica, e dependendo da Rede é uma burocracia tremenda, e dependendo também dos alunos, a forma da gente atuar com cada um deles é muito diferente. Então, posso dizer que é válido o conhecimento fornecido, pois entramos sem saber nada nessa área de alfabetização. Ela serve pra nos dá as bases. Nessa construção, as paredes, o teto, tudo isso a gente vai está construindo mais na frente, quando estivermos atuando mesmo como professor. (Professora A).

Considero pouco satisfatório. Quase não contribuiu para minha formação enquanto professora alfabetizadora. Deixa muito a desejar. (Professora Dayane).

Panorama da Educação: Estudos Interdisciplinares



As professoras demonstram certa insatisfação com a formação obtida no Curso de Pedagogia. Não queremos ser repetitivos, mas elas retomam a discussão de que a contribuição em relação à alfabetização foi insuficiente. Faltou tempo, faltou prática. Como diz a professora Patrícia: “[...] faltou um olhar mais de perto, um conviver. [...]”; “Faltou [...] mais vivências alfabetizadoras nas escolas [...]”, como afirma a professora Solange. Enfim, foi uma formação prejudicada. E o resultado disso tudo é refletido, de forma negativa, na vida das crianças que estão em processo de alfabetização e, porque não dizer também, que elas serão prejudicadas em toda a vida escolar?

Ao nos depararmos com esse fato, muitas vezes, é mais fácil colocar a culpa dos péssimos índices da educação nos/as professores/as. Mas, esta pesquisa demonstra que não é bem assim. Temos um sistema educacional defeituoso, cheio de falhas. Um sistema que oferece uma formação aligeirada e fragmentada, não se importando com a realidade escolar e tampouco com a vida dos sujeitos que fazem parte desse contexto.

A qualidade da educação não deve se resumir somente ao desempenho do/a professor/a. É preciso voltar o olhar para o contexto histórico e social onde é desenvolvida a atividade docente e não desprezar os condicionantes objetivos que interferem negativamente, de forma direta, na prática docente da escola pública. Colocar a culpa do fracasso escolar no/a professor/a, é “desviar a atenção do real problema, que é a falta de condições de trabalho e de ensino”. (GHEDIN, 2004, p. 399).

Nossas reflexões neste artigo evidenciam uma necessidade de debater com maior ênfase a importância de se ter uma formação inicial de professores/as mais consistente e comprometida com o ensino de qualidade. Uma formação que, no contexto do Curso de Pedagogia, dê destaque e prioridade aos aspectos referentes à alfabetização e que valorize os/as profissionais que irão trabalhar nessa área, que, como citamos é muito complexa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização é um dos primeiros passos da vida escolar de uma criança. É através da alfabetização que a criança tem acesso, de forma independente, às mais diversas produções científicas construídas pelos seres humanos. Nesse período, consegue-se aumentar sua capacidade de formar novos conceitos, realizar vários tipos de leitura de mundo e da linguagem escrita e melhorar a comunicação com o outro, obtendo, assim, uma concepção de mundo, apropriando de diversos conhecimentos e construindo novos saberes.

Ao enfatizarmos o trabalho do/a professor/a no processo da alfabetização, estamos querendo fortalecer a ideia de que a atuação desse/a profissional é fundamental para que a criança possa aprender a ler e escrever. Por isso, a necessidade de analisarmos como se dá a sua formação inicial.

As reflexões dos/as autores/as nos fizeram compreender que há uma necessidade de formarmos professores/as alfabetizadores/as, de modo que estes/as tenham elementos fundamentais e sólidos, que os/as



ajudarão a enfrentar os desafios postos em sala de aula com crianças em fase de alfabetização. Pensar que ainda é grande o contingente de alunos/as que chegam ao final do Ensino Fundamental sem saber ler e escrever nos preocupa. Porém, nos faz refletir que alguma coisa está errada, e entendemos que tudo começa pela formação inicial do/a profissional que irá trabalhar nessa área.

Acreditamos que para atuar com alfabetização, dada a sua complexidade, é preciso que os cursos de formação inicial de professores estejam atentos para tal questão. Os anos passam e parece que os avanços são muito pequenos. Para termos uma ideia, tivemos em nossa pesquisa professora que se formou em 2004 e outra em 2015. Um espaço de tempo de mais de uma década. Contudo, notemos que suas falas são parecidas, quanto à superficialidade da formação e o desejo por algo mais consistente, que as ajudasse no processo de alfabetização com crianças pequenas ao assumirem a profissão.

Enfim, almejamos que este trabalho possa contribuir para o fortalecimento das discussões direcionadas a formação inicial de docentes alfabetizadores/as, trazendo a reflexão de que a base da educação escolar depende da alfabetização. Se esta for defeituosa, dificilmente haverá êxitos. Como discutimos, o foco deve ser a base da formação do/a professor/a, uma formação inicial que lhe dê suporte suficiente para uma atuação em sala de aula eficiente e significativa.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia**, 2006. Disponível em < http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05_05.pdf > Acesso em 17/09/2025.

_____. Ministério da Educação. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. Indicador Criança Alfabetizada 2023/2024** — . Brasília: Inep 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inep>. Acesso em: 16 set.2025.

_____. Ministério da Educação. **Avaliação Nacional de Alfabetização**. Brasília: MEC: 2014. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br>. > Acesso em 11/04/2016.

_____. Ministério da Educação. **Programa de Formação para Professores Alfabetizadores**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 2001.

BRITO, A. E. **Formação do docente alfabetizador: revelando as exigências e os desafios**. In: IV Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI, 2006, Teresina/PI. **Livro de resumo**. Teresina: Ed. UFPI, 2006. p. 1-10. v. 1.

CORREIA, Joelma Reis. **Concepções e práticas do ensino de leitura em turmas de alfabetização**. Marília, 2011.146f, (Doutorado em Ensino na Educação Brasileira). Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Marília, 2011.

CRUZ, G.B. 70 anos do curso de Pedagogia no Brasil: uma análise a partir da visão de dezessete pedagogos primordiais. **Educ Soc. Campinas**, v. 30, n. 109, p. 1187-1208, set./dez., 2009.

GATTI, Bernadete. **Formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação**. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

GHEDIN, Evandro. **Implicações das reformas no ensino para a formação de professores: trajetórias e perspectivas da formação de educadores**. São Paulo: Editora da Unesp, 2004.

LAUANDE, Maria de Fátima Ribeiro Franco. **Política de formação de professores: uma leitura a partir da análise de programa especial de formação de professores para a educação básica – PROEB/UFMA**. São Luís: EDUFMA, 2013.

PIMENTA, Selma Garrido. GONÇALVES, Carlos Luiz. **Reverendo o ensino de 2º. Grau: propondo a formação de professores**. São Paulo: Cortez, 1990.

_____. A Didática como mediação na construção da identidade do professor: uma experiência de ensino e pesquisa na Licenciatura. In: OLIVEIRA, MR & André, M(Orgs.). **Alternativas ao ensino da didática**. Campinas: Papirus,1997.

_____.(Org).**Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.

SAVIANNI, Dermeval. **Instituições Escolares no Brasil: Conceito e reconstrução histórica**. Campinas, SP. Autores Associados, 2007.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.



Universidade Federal do Maranhão. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia**. São Luís, 2007.

VYGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.